

Violência Contra a Mulher: O Que Ainda Precisamos Fazer?

** Iracema Silva*
SSA, 11ago2024

Cada registro de uma violência contra a mulher, principalmente quando se apresenta no seu maior grau de covardia, que é o feminicídio, acentua na sociedade uma sensação de ineficácia das leis, de desproteção às vítimas, reforça a percepção de impunidade e de desafio a quaisquer medidas preventivas e repressivas em face do fenômeno.

É prioridade de educação e de segurança pública, de equilíbrio social e de saúde emocional coletiva, de justiça real e prioridade de sobrevivência de gênero, direcionar o olhar sobre o comportamento masculino para além do agravamento da responsabilidade penal, ampliando a efetivação de medidas reeducativas obrigatórias que desconstrua a ideia distorcida de que o machismo pode continuar sendo o orientador de suas atitudes, e a conscientização de que nunca lhe foi autorizado ofender, ameaçar, agredir, ferir e matar uma mulher.

Ninguém suporta mais tanta violência e o insistente desrespeito aos direitos humanos das mulheres!

A perspectiva de gênero precisa deixar de ser o ideal e ser concretizada, com senso de urgência, em todas as políticas públicas e de entidades privadas com caráter de responsabilidade social, missão e visão organizacional.

As Medidas Protetivas de Urgência são fundamentais, necessárias, mas sozinhas não resolvem. É preciso expandir a rede de atenção, de proteção e de prevenção, mobilizando todos para o compromisso de enfrentamento à violência contra a mulher, em todas as suas formas – psicológica, moral, física, sexual e patrimonial, não importando a sua origem, nem onde se estabelece.

A metodologia dos Grupos Reflexivos de Homens com a perspectiva reflexiva, educativa e responsabilizante no contexto da erradicação dessa violência, é uma ferramenta em funcionalidade em alguns municípios do país, com o objetivo de ressignificar vivências e mudar padrão de comportamento, cujos resultados apontam para a não reincidência da prática abusiva.

A sociedade civil precisa se engajar nas estratégias de controle de violência tão específica, estar atenta à maneira do homem se comportar nas suas relações cotidianas, que envolve o ambiente laboral, o familiar e o social, contribuindo para romper o silêncio, quebrar o perverso ciclo da violência, colaborar na transformação da vida relacional, fortalecer a cultura de paz e impedir que a omissão produza mais vítimas.

Chegamos a um ponto de intolerância e de indignação que é preciso intervir com mais rigor, para transformar! É preciso fiscalizar com mais eficiência para controlar! É preciso priorizar a vida para pacificar!

** Iracema Silva*

Advogada, Coordenadora dos Grupos Reflexivos de Homens no Núcleo de Enfrentamento e Prevenção ao Feminicídio – NEF/SPMJ, da Prefeitura de Salvador, Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, Professora de Direito Penal e Delegada da Polícia Civil da Bahia, aposentada.
@iracemasilva.oficial